



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ALEX ELOY NOGUEIRA

**A ILUSÃO BIOGRÁFICA E AS BIOGRAFIAS SOBRE
AYRTON SENNA:
1994 – 2006**

Londrina
2011

ALEX ELOY NOGUEIRA

**A ILUSÃO BIOGRÁFICA E AS BIOGRAFIAS SOBRE
AYRTON SENNA:
1994 – 2006**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de História da
Universidade Estadual de Londrina.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Ivano

Londrina
2011

**CATALOGAÇÃO ELABORADA PELA DIVISÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS
DA BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA.**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

N778i Nogueira, Alex Eloy.
A ilusão biográfica e as biografias sobre Ayrton Senna : 1994-2006 / Alex
Eloy Nogueira. – Londrina, 2011.
55 f. : il.

Orientador: Rogério Ivano.
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História – Universidade
Estadual de Londrina - Centro de Letras e Ciências Humanas, 2011.
Inclui bibliografia.

1. Bordieu, Pierre, 1930-2002 – TCC. 2. Senna, Ayrton, 1960-1994 – Biografia
– TCC. 3. Historiografia – TCC. I. Ivano, Rogério. II. Universidade Estadual
de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 930.1

ALEX ELOY NOGUEIRA

**A ILUSÃO BIOGRÁFICA E AS BIOGRAFIAS SOBRE
AYRTON SENNA:
1994 – 2006**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de História da
Universidade Estadual de Londrina.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador. Dr. Rogério Ivano
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Alfredo dos Santos Oliva
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Wander de Lara Proença
Faculdade Teológica Sul Americana

Londrina, ____ de ____ de ____.

Aos que acreditaram e aos que duvidaram da
minha capacidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Maria e Manoel, já que sem eles eu não estaria aqui.

Ao meu orientador o Professor Dr. Rogério Ivano, pelas orientações, conselhos, atenção e apoio a mim dedicados.

As secretarias do departamento de História, Celina e Funiko que tão bem me atenderam e me auxiliaram nesses anos de graduação.

Aos membros da banca que vão avaliar esse trabalho.

Ao meu amigo Gelson, por todo o apoio dedicado durante a graduação, no curso de História.

Aos colegas, Brayan, Karina e Mariana, pela confiança em mim depositada.

A Verônica Merlin pelo auxílio nas correções gramaticais e na normatização desse texto.

A Bruna Zanata pelo auxílio na tradução do resumo desse trabalho.

Ao professor Paulo Negri, que sempre me instigou a seguir os caminhos das ciências humanas.

A Jéssica Torres Briano pelo auxílio na obtenção das biografias.

Ao Reinaldo do CDPH, pelo apoio nas questões ligadas a informática e motivação constante para a conclusão desse trabalho.

Ao professor Dr. Jorge Romanello que me convenceu a trabalhar com temas ligados a Ayrton Senna em 2009.

Aos meus colegas dos tempos de colegial, Marcio Perreira, Carlos Sotana e Fernando Marra, que apesar de terem se afastado me ajudaram e muito a eu ser quem sou hoje em dia.

Aos funcionários da FTSA em especial a Maurinéia Camilo.

Aos demais colegas do curso de graduação que durante todos esses anos lutaram e deram o máximo de si para concretizarem seus sonhos.

E também a todas as pessoas que, apesar de aqui não mencionadas, contribuíram de forma direta ou indireta, para a realização desse trabalho.

“mais do que nunca a biografia está no centro das preocupações dos historiadores, mas denuncia claramente suas ambigüidades”

Giovanni Levi

NOGUEIRA, Alex Eloy. **A ilusão biográfica e as biografias sobre Ayrton Senna: 1994 – 2006.** 2011. 55f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

RESUMO

Nos últimos anos o aumento do interesse dos leitores por biografias e autobiografias, principalmente sobre sujeitos como Ayrton Senna, é bem visível. Entretanto, o uso desses textos como fonte de pesquisas ainda é visto com restrições, mesmo na historiografia. Neste trabalho de conclusão de curso apresentamos as principais discussões sobre a relação entre esses dois gêneros, biografia e História, o atual momento do mercado editorial e as principais biografias produzidas sobre esse personagem. A intenção da pesquisa é abordar a construção de algumas biografias sobre Ayrton Senna com base em alguns apontamentos apresentados pelo pensador Pierre Bourdieu no seu texto “A Ilusão Biográfica”. A partir dele podemos perceber o caráter “ilusório” de se construir uma vivência ordenada cronologicamente, com um começo, meio e fim, formando um todo coerente e estável, muitas vezes com um sentido teleológico. A experiência humana, no entanto, é repleta de acasos e desordens.

Palavras-chave: Biografias. Pierre Bourdieu. Ilusão Biográfica. Ayrton Senna.

NOGUEIRA, Alex Eloy. **The biographic illusion and biographies about Ayrton Senna: 1994 – 2006.** 2011. 55f. Final Paper Work (Graduation in History) – State University of Londrina. Londrina – Paraná, 2011.

ABSTRACT

During the last years it is very visible the increase of the concern about biographies and autobiographies, mainly about individuals as Ayrton Senna. However, the use of these texts as a source of researches is still seen with limitation even in historiography. In this work is presented the main discussions about the relationship between these two genres, biography and History, the current editorial and the principal biographies produced about this character. The aim of this research is approach the construction of some biographies about Ayrton Senna. The basement of this study is presented on some notes from the author Pierre Bourdieu in his text “The biographic illusion”. From his work it is possible to realize the nature “ilusive” of building an ordinate chronological experience, with a beginning, middle and ending, composing a coherent and stable whole, with a teleological meaning. A human experience, however, is full of chances and disorders.

Key words: Biographies. Pierre Bourdieu. Biographical Illusion. Ayrton Senna.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** – Biografia escrita por Daniel Piza 33
- Figura 2** – Biografia escrita por Marleine Cohen 34
- Figura 3** – Biografia produzida por Ernesto Rodrigues 35
- Figura 4** – Livro Caminho das Borboletas 36
- Figura 5** – Ayrton Senna criança 43
- Figura 6** – Senna na Toleman 44
- Figura 7** – Ayrton Senna comemora vitória no Brasil 48
- Figura 8** – Cortejo fúnebre de Ayrton Senna 50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FIA – Federação Internacional de Automobilismo

FISA – Fédération Internationale du Sport Automobile

LPs - Long Plays

RGE – Rádio Gravações Especializadas

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| <i>INTRODUÇÃO</i> | 12 |
| <i>1 BIOGRAFIA E HISTÓRIA</i> | 16 |
| 1.1 O RESSURGIMENTO DA BIOGRAFIA | 16 |
| 1.2 OS RISCOS DA BIOGRAFIA | 18 |
| 1.3 A ESCRITA BIOGRÁFICA | 20 |
| <i>2 AYRTON SENNA, UMA 'ILUSÃO BIOGRÁFICA'</i> | 23 |
| 2.1 AYRTON SENNA, UMA 'ILUSÃO BIOGRÁFICA' | 23 |
| 2.1 SENNA E A MÍDIA | 25 |
| 2.2 MERCADO EDITORIAL | 29 |
| <i>3 BIOGRAFIAS E SEUS AUTORES</i> | 33 |
| 3.1 A 'ILUSÃO BIOGRÁFICA' E AS BIOGRAFIAS SOBRE AYRTON SENNA | 38 |
| 3.2 A QUESTÃO DO NOME NAS BIOGRAFIAS | 47 |
| <i>CONCLUSÃO</i> | 52 |
| <i>REFERÊNCIAS</i> | 54 |

INTRODUÇÃO

Dia 01 de Maio de 1994 era a primeira vez que eu parava em frente à TV para assistir a uma corrida de Fórmula 1. Justamente nesse dia Ayrton Senna da Silva morreu.

Até àquela data nunca tinha me interessado muito por automobilismo, achava chato e entediante, mas decidi ver a corrida naquela manhã de domingo. Não sei bem qual foi minha motivação, só me lembro que, na busca por algum desenho animado, acabei por colocar na TV Globo, onde se iniciava a transmissão da corrida e comecei a assistir.

Logo na sétima volta do circuito de Ímola, na Itália, aconteceu o acidente fatal, quando sua Williams espatifou-se contra o muro da tão mal afamada curva Tamburello. Nesse instante, um clima funesto estabeleceu-se entre os responsáveis pela transmissão global.

Confesso que de início aquilo não me abalou, afinal, apesar de saber quem era Ayrton Senna, nunca tinha visto uma corrida de Fórmula 1, e aquele acidente, apesar de aparentar ser muito sério, não me chocou de imediato. Talvez pelo meu desconhecimento em relação ao assunto ou com as questões relacionadas à morte, já que nessa época tinha meus oito anos de idade.

Nisso, passados alguns minutos após o resgate do corpo do tricampeão e do reinício da corrida, saí da sala e fui brincar na frente de nossa casa, como normalmente fazia quando estava na nossa residência, que ficava em uma chácara na cidade de Guariba, interior de São Paulo.

Mas, no decorrer do tempo, as sucessivas notícias vindas da TV, os boletins médicos nada animadores e a apreensão que tomava conta de meus pais e de meu tio, que nos fazia uma visita, começaram a me fazer perceber que o caso era sério. A possível morte daquele piloto mexeria e muito com os sentimentos e emoções das pessoas à minha volta.

À tarde veio o desfecho, o anúncio do falecimento de Senna. Minha mãe colocou as mãos no rosto e disse “*Meu Deus, coitado!*”, meu pai ficou sério sentado no sofá, dizendo “*Não fale!*”. Já meu tio nada falou e se retirou da sala, só aí comecei a entender o ocorrido, afinal não havia morrido apenas um piloto de Fórmula 1, mas alguém que, querendo ou não, era querido e admirado por milhões de brasileiros. Isso foi ficando cada vez mais nítido no decorrer daqueles dias, com

as centenas de homenagens que via pela TV, nos jornais e nas revistas e, claro, com a verdadeira multidão que acompanhou seu funeral e sepultamento.

Inclusive na escola onde eu estudava ocorreram homenagens simples (mas, acredito, sinceras) a Ayrton. Na segunda-feira, dia seguinte à sua morte, antes de entrar nas salas, os alunos fizeram algumas filas em frente à diretora, que disse algumas palavras a respeito de Senna e de sua morte e pediu para todos rezarmos um Pai-nosso e uma Ave-maria para a alma do tricampeão, que tão tragicamente havia perdido a vida. Seguiu-se a isso uma curta, mas empolgada salva de palmas.

Uma coisa que não saiu mais de minha mente foi um programa especial exibido pela extinta Rede Manchete, quatro ou cinco dias após a morte do piloto, em que foram mostradas todas as mortes de pilotos em corridas de automobilismo, não só na Fórmula 1, mas em todas as categorias. Aquela sequência interminável de mortes e a assustadora narração do apresentador, na qual somente se ouvia sua voz durante os momentos mais duros das imagens, deixaram-me impressionado e assustado.

Ou seja, as sensações que não tive no dia da morte de Ayrton Senna apareceram nos dias seguintes e principalmente após essa matéria, que por anos vinha à minha mente sempre que me lembrava de Ayrton Senna da Silva ou da Fórmula 1.

Mas, como tudo na vida, a tristeza das pessoas passa e a labuta continua, já que; como “dizem” aqueles versos populares, “nada é importante contanto que você se levante e continue a batalhar”; e nisso o tempo passou, dias, semanas, meses, anos.

Confesso que levei muito tempo para voltar a assistir novamente uma corrida de Fórmula 1, não só pelo fato de ter pouca idade quando da época da morte do piloto, ou pelo pouco conhecimento meu com relação a esse esporte. Com o tempo, percebi que mesmo não sendo um fã de Ayrton Senna, compreendi que sua figura era muito importante para tal esporte, para seus fãs e também para grande parte dos brasileiros que, nesse contexto (e porque não depois dele?), o considerava como um herói. O nome Senna passou a significar aquele que superava seus limites, desafiava o perigo, era bem-sucedido, enfim, aquilo que muitos no fundo queriam ser, aquele em que muitos se espelhavam.

Com sua morte, era muito difícil para minha família encontrar uma motivação para voltar a assistir corridas, nisso talvez esteja um dos motivos de só ter me interessado bem posteriormente por este esporte. À medida que ia crescendo e compreendendo melhor essas coisas, vi o quanto era difícil assistir a um esporte em que não havia um brasileiro brigando pela vitória, ou como dizem os cronistas esportivos, “lutando pelo lugar mais alto do pódio”.

O problema era ter visto e tido contato (por meio de reportagens de jornais, de revistas, na TV ou por conversas com pessoas mais velhas que “viveram mais” essa época, ou com fãs) com a trajetória de um piloto que tanto significado tinha para a história do automobilismo do país e não ver ninguém que pudesse estar na disputa pelas vitórias e pelos títulos. Ou seja, sem um ídolo.

Somente no ano 2000, com a chegada de Rubens Barrichello à equipe Ferrari (uma equipe grande e vitoriosa, como as McLarens e a Williams pilotadas por Senna nos anos 1980 e 1990), é que novamente senti vontade de parar em frente à TV e assistir a uma prova de Fórmula 1, desde então acompanhando com regularidade o esporte.

Hoje, anos após a morte de Ayrton Senna e seu suntuoso funeral, entrei na universidade e passei a estudar este personagem, não como um fã, como meu megaídolo, mas em forma de um objeto de estudo, ou seja, como um ser humano que tem sua imagem construída, que tem seus limites, suas falhas, seus méritos e suas virtudes, um ser humano como nós, que nasceu, cresceu, tomou decisões, lutou para ser feliz e teve o destino (apesar de trágico e mundialmente conhecido) que eu, você e todos os seres vivos terão, isto é, morreu.

Assim, neste trabalho de conclusão de curso, intitulado *A Ilusão Biográfica e as Biografias sobre Ayrton Senna - 1994-2006*, procuramos abordar a construção de algumas biografias sobre este personagem, com base em alguns apontamentos apresentados pelo pensador Pierre Bourdieu (2002) no seu texto “A Ilusão Biográfica, Esta obra nos fornece dados para uma aprofundada reflexão teórica e metodológica sobre vários aspectos polêmicos dos estudos acerca das biografias.

Nesse sentido, Bourdieu levanta várias questões nessa obra como, por exemplo, até que ponto é possível analisar a própria trajetória, a própria vida e suas escolhas a partir de um olhar distanciado? Desta forma, o autor apresenta importantes críticas sobre o gênero biográfico e autobiográfico, como no caso a

tentativa de extrair um sentido e um plano para a existência do ser humano, ou seja, uma lógica entre os acontecimentos sucessivos da vida, como se esta fosse orientada por uma intenção e um objetivo final, teleológico.

Dessa maneira, como nos aponta Alexandre de Sá Avelar (2010, p. 163), “A crítica de Bourdieu certamente provocou uma interrogação sobre esses vínculos de transparência, postulado com demasiada frequência entre o biógrafo e o biografado”.

Além dessa obra, também serão utilizados textos de comentadores e/ou estudiosos das teorias bourdieusianas como Miguel Ângelo Montagner.

Também foram utilizados neste trabalho autores como Benito Schmidt, Giovanni Levi, Alexandre de Sá Avelar e Teresa Malatian, para apresentar uma discussão sobre a relação muitas vezes controversa entre biografia e história. Além disso, tratamos de autores que trabalham com temas ligados a Ayrton Senna, como Rodrigo França e Bruno Gerhard, assim como aqueles que lidam com o mercado editorial brasileiro, entre eles Roberta Pennafort e Juliana Simões.

As biografias analisadas e que são a fonte primária deste trabalho são as seguintes: *Ayrton Senna*, escrita por Marleine Cohen (2006); *Ayrton Senna, o eleito*, escrita por Daniel Piza (2003); *Ayrton, o Herói revelado*, escrita por Ernesto Rodrigues (2004), e a obra *Caminhos das Borboletas*, de Adriane Galisteu (1994).

O presente trabalho foi dividido em três capítulos, o primeiro intitulado: “Biografia e História”, no qual procuramos apresentar as principais discussões e apontamentos presentes neste debate segundo diversos autores que discutem a relação entre esses dois gêneros na atualidade.

No segundo capítulo, “Ayrton Senna”, uma Ilusão Biográfica, buscamos falar sobre o personagem, suas relações com a mídia e sobre o mercado editorial brasileiro, no qual se encontra o contexto de produção dessas biografias.

No terceiro capítulo, Biografia e seus autores, procuramos abordar as biografias escritas sobre Ayrton Senna, partindo da apresentação das biografias a serem abordadas, seus respectivos autores e análise destas, com base em alguns apontamentos de Pierre Bourdieu.

1 BIOGRAFIA E HISTÓRIA

Biografia e história, ao contrário do que muitos poderiam pensar, não são polos que se afastam, apesar da desconfiança que o gênero biográfico desperta em muitos pesquisadores.

Este tema vem sendo alvo de discussões de diversos autores nos últimos anos, em várias áreas do conhecimento, principalmente de pesquisadores da área historiográfica.

Neste primeiro capítulo se objetiva apresentar as principais discussões e apontamentos presentes em tais discussões, que tratam da relação entre esses dois gêneros na atualidade. A apresentação foi dividida em três partes: o ressurgimento da biografia; os riscos da biografia e, por último, a escrita da biografia.

1.1 O RESSURGIMENTO DA BIOGRAFIA

De início, é necessário salientar o crescimento do interesse dos leitores por biografias e autobiografias. Schmidt (1997) nos mostra que o Catálogo Brasileiro de Publicações do ano de 1994 já apontava um significativo crescimento de 55% do gênero biográfico em comparação ao ano de 1987.

Ângela de Castro Gomes, em uma de suas obras, vem corroborar com essa constatação:

Um breve passar de olhos em catálogos de editoras, estantes de livrarias ou suplementos literários de jornais leva qualquer observador, ainda que descuidado, a constatar que, nos últimos 10 anos, o país vive uma espécie de *boom* de publicações de caráter biográfico e autobiográfico. É cada vez maior o interesse dos leitores por um certo gênero de escritos [...], que abarca diários, correspondências, biografias e autobiografias, independentemente de serem memórias ou entrevistas de história de vida por exemplo (GOMES, 2004, p. 7).

Entretanto, apesar desse “sucesso” editorial, o uso de biografias nos estudos historiográficos ainda é visto com ressalvas, pois se por um lado os estudos acerca das biografias nunca estiveram ausentes das reflexões historiográficas e das

ações dos historiadores de ofício, diversas vezes ela veio acompanhada de um certo mal-estar¹ que poderia ser explícito ou implícito (MALATIAN, 2008, p. 16).

Para que possamos compreender as razões desse “mal-estar”, faz-se necessário a visualização da emergência desse gênero biográfico para duas áreas que muito se utilizam deste nos últimos tempos, tanto para análise quanto para a escrita: o jornalismo e a história. Nesse ponto, as considerações de Benito Schmidt são bastante elucidativas.

Schmidt (1997, p. 2) afirma que a busca pelas razões da emergência do gênero biográfico, tanto para o jornalista como para historiadores, são diversas e se relacionam com o contexto em que esses campos de pesquisa se colocam. Nesse sentido do contexto, pode-se presumir que a perda de referenciais ideológicos, morais, culturais, que são traços visíveis da sociedade contemporânea, traz como contrapeso uma busca no passado das trajetórias de indivíduos que sirvam de inspiração para as atitudes vividas no tempo atual.

Contudo, como continua nos apontando Schmidt, há de se destacar um fator nem sempre lembrado: o “voyeurismo”, que aberto ou retraído diversas vezes move os autores a estudar a vida privada de outros indivíduos, principalmente daqueles mais conhecidos, tanto para desconstruir mitos, quanto para contemplar fãs curiosos ávidos por mais novidades.

Desta forma, prosseguindo com os apontamentos de Schimidt, é nas “tendências atuais da produção do conhecimento histórico” que se visualiza um redescobrimto do interesse por esse gênero, que durante muitos anos foi tido como algo mais ligado à chamada história tradicional, às ações dos grandes homens. O retorno do interesse dos historiadores pelos estudos biográficos está ligado à crise dos paradigmas estruturalistas, que durante muito tempo orientam o pensamento nas pesquisas históricas e a busca de muitos historiadores em colocar os indivíduos como parte das tramas e da produção das teias sociais.

Ainda, com base em Schimidt, destacam-se os aspectos metodológicos, pois a redescoberta do papel dos indivíduos na história representa uma reação aos recortes e enfoques estruturalistas, como os modos de produção do marxismo, ou a história de longa duração de Fernand Braudel, assim “[...]”

¹ O termo “mal-estar” é usado no sentido que desde a antiguidade as biografias já despertavam a desconfiança de autores como Tucídes, Políbio, Plutarco, porque consideravam este um território propício para que ocorresse uma tendenciosa exaltação de um determinado indivíduo, de um grupo de pessoas, de uma causa ou visão de mundo.

metodologicamente, esta mudança implica o recuo da história quantitativa e serial e o avanço dos estudos de caso e da micro-história [...]” (SCHIMDT, 1997, p. 3).

O interesse pelas biografias é um processo visível em várias correntes historiográficas, como a nova história francesa, o grupo contemporâneo de historiadores britânicos de inspiração marxista, a psico-história, a micro-história italiana, a nova história cultural norte-americana, a historiografia alemã recente e também a historiografia brasileira atual. Então mesmo, havendo significativas diferenças entre essas diversas formas de interpretação histórica, observa-se que em todas se visualiza esse interesse pelas trajetórias singulares (SCHIMDT, 1997, p. 3).

Já no campo do jornalismo, as razões da emergência desse gênero é tarefa mais complexa. Segundo Schimdt:

Desvendar as razões da emergência das biografias no âmbito do jornalismo é uma tarefa mais complicada, já que foge do meu campo profissional. Pude verificar que tal processo relaciona-se com o impacto do movimento chamado *New journalism*. Este último surgiu nos estados Unidos na década de 60 tendo como expoentes Thuman, Capote, Tom Wolfe e Norman Mailer [...] (SCHIMDT, 1997, p. 3).

1.2 OS RISCOS DA BIOGRAFIA

Nesse segundo ponto será abordado outro aspecto importante referente às biografias: os seus riscos quando são usadas e/ou escritas pelos historiadores.

A narrativa biográfica sofre influência principalmente da literatura, com a qual a história reaproximou-se nas últimas décadas após seu afastamento no século XIX, em virtude da busca pela afirmação da sua cientificidade (SCHIMDT, 1997, p. 9).

Entretanto, para diversos autores, essa reaproximação da história com a literatura não vem recebendo o seu devido debate e interesse teórico, mesmo levando-se em consideração as palavras de Giovanni Levi (2002, p. 168-169):

[...] A biografia constitui na verdade o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem a historiografia [...] A literatura comporta uma infinidade de modelos e

esquemas biográficos que influenciam amplamente os historiadores. Essa influência, em geral mais indireta que direta, suscitou problemas, questões e esquemas psicológicos e comportamentais que puseram o historiador diante de obstáculos documentais muitas vezes intransponíveis [...], por exemplo, dos atos e dos pensamentos da vida cotidiana, das dúvidas e das incertezas e do caráter fragmentário e dinâmico da identidade [...].

Nesse sentido, Schimdt manifesta sua preocupação com relação à influência da literatura sobre o historiador, principalmente no tocante às técnicas argumentativas da narrativa biográfica, que ocorre de forma mais indireta que direta, já que:

[...] via de regra, os historiadores que se dedicam à biografia buscam nas obras literárias apenas uma inspiração estética formal, exemplos de como escrever “mais bonito”, sem se preocuparem com as variadas e refinadas possibilidades cognitivas que tais referências oferecem (SCHMIDT, 2004, p. 133)

Dessa maneira, tais preocupações têm por marca o fato de que a narrativa biográfica pressupõe um tipo de escrita da história marcada pelas subjetividades e pelas diversas formas de perceber e compreender o outro (AVELAR, 2010, p. 166).

Assim, no processo de construção da biografia, o biografado pode se tornar possuído pelo personagem por ele pesquisado, até certo momento em que pode se integrar totalmente ao seu universo, ou como "numa ilusão" de dar sentido, tornando a narrativa da vida do seu pesquisado uma unidade significativa e coerente (AVELAR, 2010, p. 167).

Nesse sentido, entramos num ponto nevrálgico da escrita biográfica, a “ilusão biográfica”, definida por Pierre Bourdieu como a tentativa de construção de uma trajetória de vida coerente e direcionada. A esse respeito, ele aponta “[...] o fato de que a vida não constitui um todo. Um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma “interação” subjetiva e objetiva de um projeto” (BOURDIEU, 2002, p. 184).

Assim, Bourdieu nos alerta para que percebamos que a existência humana não é uma linha cronológica “reta” com início e um fim, determinados desde o amanhecer até o entardecer da vida. Para Bourdieu, o elemento que constitui essa narrativa biográfica é o nome próprio, pois:

O nome próprio é o atestado visível da identidade do seu portador através dos tempos e dos espaços sociais, o fundamento da unidade de suas sucessivas manifestações e da possibilidade socialmente reconhecidas de totalizar essas manifestações em registros oficiais, *curriculum vitae* [...] necrologia ou biografia que constituem a vida na sua totalidade finita [...] (BOURDIEU, 2002, p. 187).

Os historiadores que pretendem trabalhar com o tema e gênero biográfico devem ficar atentos, como nos aponta Levi, a alguns problemas muito importantes: a relação às normas e às práticas; entre indivíduos e grupo; entre determinismos e liberdade; racionalidade absoluta e limitada para se debater as incoerências dentro das próprias normas e assim analisar a relação entre um grupo e os indivíduos que o compõe (LEVI, 2002, p. 179).

Ainda segundo Levi, biografia e contexto têm uma relação constante e recíproca, tendo a biografia uma grande importância no aspecto de possibilitar um “relato” das normas sociais e seu funcionamento, mostrando os desacordos entre as regras e práticas e as incoerências que permitem o aparecimento de diversas práticas (LEVI, 2002, p. 180).

Assim, Levi discorre que desta maneira podemos evitar a realidade histórica de um modo único de ações e reações, explicitando que a desigual distribuição dos poderes, por mais que seja coercitiva, deixa a possibilidade de haver movimentos e manobras para os dominados (LEVI, 2002, p. 180).

1.3 A ESCRITA BIOGRÁFICA

Cabe aqui, falarmos sobre os recursos usados pelos construtores de biografias, pois como nos aponta Teresa Malatian (2008, p. 25) “A tarefa de construção de biografias pelo historiador coloca em questão direcionamentos a serem observados desde a escolha do personagem, em função da sua atuação ou de qualidades que possam estabelecer identificações projetivas importantes [...]”.

Malatian também alerta que a biografia exige do pesquisador os mesmos cuidados e atenção que as demais pesquisas, e das construções das narrativas históricas, ou seja, aquilo “que distingue a disciplina histórica” em sua compreensão e em sua aproximação do personagem, até seu ponto de saturação,

para assim poder escrever sobre ele e fazer um trabalho crítico sobre seus testemunhos (MALATIAN, 2008, p. 25)

Como já foi salientado, o gênero biográfico se mantém próximo à literatura e, segundo Malatian, por isso mesmo deve requerer atenção redobrada do historiador. Dessa forma, na sua escrita tem sido incorporadas técnicas e recursos de estilo mais comuns na literatura do que nos discursos historiográficos. Segundo Schimdt, ao analisar um trecho de uma obra de Regina Horta Duarte “[...] percebe-se que a autora busca reproduzir o interior do personagem: seus pensamentos fantasias, sentimentos e aspirações; recurso que até pouco tempo era considerado próprio da literatura e impensável na história [...]” (SCHIMDT, 1997, p. 4).

Entre os recursos presentes tanto nas biografias escritas por historiadores como nas produzidas por jornalistas, percebe-se o *flashback* e o fluxo de consciência. Entretanto, para os historiadores cabe a tarefa de reduzir a mescla entre romance e história e fazer o estabelecimento de referências documentais e empíricas seguras, preocupar-se com a(s) verdade(s), mantendo a disciplina científica, usando em seus textos termos como: provavelmente, talvez, acredita-se que, pode-se presumir etc (MALATIAN, 2008, p. 26).

Ainda a respeito das aproximações dessas duas áreas com a literatura, Schimdt (1997, p. 5-6) nos mostra as principais diferenças entre as biografias escritas por historiadores e por jornalistas, como o tratamento diferenciado das fontes de pesquisa, em que a historiografia mantém-se atenta à crítica interna e externa dos documentos, por meio de questionamentos como “quem produziu? em que situação? com qual intenção?”, perguntas que nem sempre estão presentes nas obras produzidas por jornalistas ou escritores.

Quanto ao aspecto formal, o autor ressalta que o jornalista quase nunca separa sua fala enquanto narrador da transcrição dos documentos deixando, por exemplo, para citar as obras consultadas e as referências bibliográficas apenas no final do livro, privilegiando assim a fluidez da narrativa ao invés da precisão formal.

Schimdt, ao continuar a sua análise das diferenças entre as escritas biográficas de historiadores e jornalistas, também evidencia as articulações entre os diversos meios sociais em que os personagens se encontram, que a seu ver estão ausentes nas biografias escritas pelos jornalistas. Desta forma,

[...] não percebo, nas biografias escritas por jornalistas, uma preocupação em discutir, implícita ou explicitamente, as articulações entre a vida pública e privada, entre cotidiano e não cotidiano, entre atos racionais e motivações irracionais, etc. Essa é uma tarefa que vem sendo levada a cabo pelos historiadores nos últimos anos. [...] (SCHIMIDT, 1997, p. 13).

Cabe, ainda, ressaltar sobre a possibilidade de convivência de recursos da literatura e os recursos próprios da história nas narrativas, que para muitos é algo que não é visto com bons olhos. Nesse sentido, mais uma passagem de Schimdt esclarece (1997, p. 6): “alguns historiadores já demonstraram que clareza e elegância estética não são incompatíveis com técnicas exigidas pelos trabalhos acadêmicos [...]”.

Portanto percebe-se que as discussões sobre biografia e história estão longe de serem dadas por encerradas e, como apontam diversos autores, como Schimdt, Avelar e outros pesquisadores do gênero biográfico, este tema merece um continuado e aprofundado debate.

2 AYRTON SENNA, UMA 'ILUSÃO BIOGRÁFICA'

Neste trabalho, trataremos das biografias escritas sobre Ayrton Senna, mas antes faz se necessário falarmos sobre este personagem, suas relações com a mídia e o mais importante sobre as biografias escritas sobre ele.

Assim, neste segundo capítulo, vamos tratar de tais temas na seguinte ordem: breve relato de sua vida, Senna e a mídia e mercado editorial.

2.1 AYRTON SENNA, UMA 'ILUSÃO BIOGRÁFICA'

Como diz Bourdieu, a vida não é um “conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como [uma] expressão unitária” (1994, p. 184). A percepção contrária cria o que ele chama de “ilusão biográfica”. Para saber identificar o ‘efeito’ ilusório dessa operação no caso de Senna, o resultado seria o seguinte: Ayrton Senna da Silva nasceu em São Paulo, capital, no dia 21 de março de 1960, filho de Neyde e Milton da Silva. Seu pai era dono de uma fábrica de autopeças e de uma fazenda em Goiânia-GO. Ayrton Senna teve também outros dois irmãos, Leonardo e Viviane.

Senna começou sua carreira no automobilismo guiando karts em 1974, sendo vice-campeão mundial na temporada 1979/1980. Em 1982 foi para a Fórmula Ford, em 1983 transferiu-se para a Fórmula 3 inglesa, onde seria campeão e conseguiria acesso para o seleto grupo de pilotos da Fórmula 1.

Sua passagem para a principal categoria do automobilismo profissional se deu em 1984 pela extinta equipe Toleman, pela qual disputaria 16 provas (corridas de Grandes Prêmios), conquistando 13 pontos e terminando na 9ª colocação no mundial de pilotos.

No ano seguinte foi contratado pela também extinta equipe Lótus. Nessa equipe, bem mais tradicional e com mais recursos técnicos e financeiros, Ayrton Senna obteve suas primeiras vitórias na F1, terminando os mundiais de 1985, 1986 e 1987 nas seguintes colocações: 1985 com 38 pontos, 4º colocado no mundial, obteve 2 vitórias; 1986 com 55 pontos, novamente 4º colocado no mundial

e conseguindo 2 vitórias e em 1987 ficou com 57 pontos, 3º colocado no mundial de pilotos e novamente obteve 2 vitórias.

Depois de três temporadas, 48 corridas disputadas e 6 vitórias vestindo o macacão e guiando o carro da Lótus, Senna foi transferido para a equipe McLaren em 1988, na qual viveria sua melhor fase. Em seis temporadas, ele obteria 35 vitórias em 95 corridas, seria tricampeão mundial ao vencer os campeonatos de 1988, 1990 e 1991.

Após essa passagem pela McLaren, Senna foi contratado pela equipe Williams (na época a mais estruturada da F1). Entretanto, Senna teve uma curta passagem por essa equipe, disputando apenas três provas em 1994. Na terceira etapa daquela temporada, Senna chocou sua Williams contra o muro de proteção da curva Tamburello no grande prêmio de Ímola na Itália, o que causou sua morte devido aos inúmeros ferimentos que sofreu, horas depois no hospital.

Em sua carreira, Senna disputou um total de 161 Grandes Prêmios, com 65 poles positions, 41 vitórias, 19 melhores voltas mais rápidas, 614 pontos e 3 títulos mundiais.

Há de se destacar o contexto de vivência de Ayrton Senna. Em termos automobilísticos, Senna conviveu, em sua juventude, com a ascensão do automobilismo brasileiro com os títulos mundiais de F1 de Emerson Fittipaldi em 1972 e 1974, e posteriormente com os de Nelson Piquet. Em termos políticos, vivenciou a ditadura militar, mas não é reconhecida alguma participação política naquele momento.

Em termos econômicos, o período em que Senna alcança seu auge como piloto é o período bem complexo da política nacional, com o fim do regime militar, a morte de Tancredo Neves (eleito de forma indireta e primeiro presidente civil do país desde 1964), os governos Sarney (e a constituinte de 1988), Collor (do qual alguns dizem que Senna era simpatizante) e de Itamar Franco. Nesse momento, o Brasil passou pelos diversos planos econômicos que visavam o combate da inflação, como os planos *Verão* e *Collor* (planos que não tiveram o êxito esperado). O plano real seria lançado em 1994.

A nível esportivo, principalmente em se tratando de futebol, o contexto não era dos mais favoráveis, a seleção brasileira não ganhava um título mundial desde 1970 e nesse período a seleção brasileira ainda foi eliminada nos mundiais de 1982 e 1986 (quando contava com jogadores renomados como Zico, Sócrates e

Falcão) e no mundial de 1990 (com uma seleção que foi muito criticada). Coincidentemente, o Brasil só voltaria a ser campeão no mundial de 1994, ano em que Senna morreu.

Desta forma, se fossemos construir uma linha do tempo de sua vida (linha da vida que muitas vezes aparece em biografias) esta poderia ser assim.

| | | | | | | | | |
|-------------|----------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| <u>1960</u> | <u>1979/80</u> | <u>1983</u> | <u>1984</u> | <u>1985</u> | <u>1988</u> | <u>1990</u> | <u>1991</u> | <u>1994</u> |
| I | II | III | VI | V | VI | VII | VIII | IX |

I nascimento, II vice-campeão mundial de Kart, III campeão mundial de Fórmula 3 inglesa, IV estreia na F1, V Primeira vitória na F1, VI 1º título mundial, VII 2º título mundial, VIII 3º título mundial, IX falecimento.

Mas antes de encerrarmos este tópico, é necessário ressaltarmos o que aponta Malatian, ao falar sobre as diversas obras de Pierre Bourdieu, com relação à ilusão de acharmos que a vida de uma pessoa é uma sequência lógica e encadeada de acontecimentos.

[Bourdieu] alerta para inexistência de uma “sequência cronológica e lógica dos acontecimentos e ocorrências da vida de uma pessoa” [...] percorrendo a sua obra até chegar ao conceito de ilusão biográfica, ao defender a ideia de que o sentido de causalidade e sentido coerente é algo atribuído às ações humanas [...] (MALATIAN, 2008, p. 28).

2.1 SENNA E A MÍDIA

Após essa ‘ilusão biográfica’ de Ayrton Senna, dá-se prosseguimento ao segundo tópico, que trata de sua relação com a mídia.

Senna teve uma agitada reação com a mídia durante sua vida, principalmente no período em que esteve no mundo da Fórmula 1.

As primeiras aparições de Senna na “grande mídia” foram em 1983 durante seus testes com carros das equipes McLaren, Williams e Toleman, antes de estreiar na Fórmula 1. Desse período, destaca-se uma matéria feita pelo repórter e comentarista esportivo Reginaldo Leme (que acompanhou os testes e fez uma

entrevista com o piloto) para o programa Globo Esporte da Rede Globo.²

Nessa matéria, Reginaldo Leme faz o seguinte comentário, sobre o treino de Senna com o carro da equipe Williams, enquanto são exibidas imagens de suas voltas teste:

[...] 9 horas e 21 minutos ligou o motor, o momento se prolonga como se durasse horas. A emoção de Ayrton é dividida por quem está na pista. Rapidamente ele foi se acostumando, dominando o carro, o motor potente foi ficando mais familiar, Ayrton se sentindo em casa o tempo foi baixando até chegar a 1 minuto e 5 décimos. Era bom demais, melhor do que tudo que a Williams havia conseguido em Donington Park, quase 1 segundo mais veloz [...]

Entretanto, Senna passou a ser um alvo mais destacado da mídia com sua entrada na F1, em 1984. Bruno Gerhard nos lembra que:

Assim como indica a revista *Manchete* (2004, p 46), Ayrton Senna começou a aparecer na mídia no ano de 1984, quando corria pela equipe Toleman na Formula 1 e fez a ultrapassagem sobre Alain Prost [...], assumindo o primeiro lugar no grande prêmio de Mônaco daquele ano [...]. (GERHARD, 2009, p. 4).

Ainda no ano de 1984, Senna a convite da revista *Quatro Rodas* (edição nº 284 de março de 1984) fez testes com carros de rua lançados naquela época, e após os testes deu o seu parecer sobre os mesmos. Esse era um costume da revista, que já havia convidado em anos anteriores ex-pilotos, como Emerson Fittipaldi e Jackie Stewart. Contudo, a revista inovou ao convidar Senna naquele ano, já que era apenas um jovem piloto que debutava na Fórmula 1.

Nessa mesma revista, anos depois, Ayrton Senna (àquela altura já bicampeão mundial de Fórmula 1) teve, entre abril de 1991 até sua morte, em maio de 1994, uma coluna em que escrevia sobre automobilismo e os bastidores da F1 essa coluna não tinha um título determinado.

Em sua coluna de estreia em abril de 1991, Senna falou de sua primeira vitória no grande prêmio do Brasil, justamente o ano em que conquistaria o tricampeonato mundial, nessas colunas se vê uma mistura de elementos técnicos com impressão pessoais do piloto, como a alegria pelas vitórias e a tristeza pela

² Vídeo disponível para visualização em http://www.youtube.com/watch?v=ihmi_sLp1OA..

falta de competitividade de seus carros nos anos 1992 e 1994, assim como as famosas brigas que teve como o piloto francês Alain Prost.

Senna ainda foi capa da revista *Veja* de fevereiro de 1990, numa matéria de sete páginas, logo após as polêmicas envolvendo a disputa do mundial de 1989 e do seu pedido de retratação à FISA (Federação Internacional de Automobilismo Esportivo) para que pudesse ter novamente a sua superlicença de piloto e poder competir no mundial de 1990.

Senna também concedeu diversas entrevistas à mídia, principalmente à imprensa, como no caso das entrevistas à revista *Veja* em setembro de 1985, ao *Jornal Folha de São Paulo* em 1991 e à *Playboy*, quando da sua chegada a F1 em 1983.

Com relação à mídia televisiva, Senna teve diversas aparições. Destacam-se uma participação no programa *Roda Viva* da TV Cultura em dezembro de 1986,³ outra no programa *Show da Xuxa*, da Rede Globo, no qual Xuxa Meneghel, apresentadora do programa, era nessa época namorada de Senna, no final de 1988,⁴ uma participação no Programa do Jô (apresentado por Jô Soares) no SBT em julho de 1989,⁵ além da sua própria “volta narrada”, em que de dentro do seu carro Williams narrou a sua volta para a Rede Globo durante os treinos para o GP do Brasil de F1 de 1994.⁶

Recentemente foi realizado um documentário sobre a vida de Ayrton Senna intitulado *Senna*, dirigido pelo inglês Asif Kapadia. Este documentário foi lançado no Brasil no dia 12 de novembro de 2010 pela *Universal Pictures*, e foi produzido com o apoio da família de Senna. A obra destaca os três campeonatos mundiais conquistados pelo piloto, a rivalidade com Alain Prost, a saída da McLaren e outros momentos importantes da carreira de Ayrton Senna.

Mas há de destacarmos aquela que talvez tenha sido uma das principais marcas de Senna no tocante a mídia por meio do canal televisivo Rede Globo, com Galvão Bueno e o chamado “tema da vitória” ou “hino da vitória”. Assim, Gerhard aponta em sua pesquisa:

³ Disponível para visualização em <<http://www.youtube.com/watch?v=v4Yg8hs9Ujc>>.

⁴ Disponível para visualização em <http://www.youtube.com/watch?v=H3WXmuiBq_M>.

⁵ Disponível para visualização em <<http://www.youtube.com/watch?v=ObGHdltxCuY>>.

⁶ Disponível para visualização em <<http://www.youtube.com/watch?v=zNYnRbW6oPI>>.

A Rede Globo, que acompanhou Senna desde o início na Fórmula 1, mostrava imagens do piloto, tocava o (chamado por eles) “Hino da Vitória” cada vez que ele vencida uma corrida e junto ao narrador Galvão Bueno, lembrava as origens de Senna, levando orgulho ao país com a frase: “Ayrton, Ayrton, Ayrton Senna do Brasil” (GERHARD, 2009, p. 4).

Ainda nesse sentido, outro autor que trabalha com temas ligados a Senna, Rodrigo França, nos diz que:

O tratamento de herói nas transmissões e sua íntima relação com a Globo, exposta inclusive por meio do seu locutor, também permitiram que Senna fosse tratado em várias reportagens dos jornalísticos “Globo Esporte” e “Esporte Espetacular” como “Super Senna”, um herói de história em quadrinhos que derrotava os “vilões” Professor (Alain Prost, francês) e o Leão (Nigel Mansell, inglês), sobretudo em reportagens em 1992 e 1993 quando Senna, por ter um equipamento menos competitivo, tinha que mostrar seus “superpoderes” para conseguir vencer os rivais com super máquinas [...] (FRANÇA, 2006, p. 79).

Portanto, compreende-se que no decorrer do tempo foi ocorrendo uma aproximação entre Senna e os veículos de mídia como a Rede Globo, pois como França aponta:

Com os índices de audiência crescendo cada vez mais, a relação entre Senna e TV Globo foi ficando cada vez íntima. Não por acaso, o principal rosto e voz da transmissão, Galvão Bueno, acabou se tornando um dos maiores amigos do tricampeão de F-1 em sua carreira. Em depoimento ao jornal “O Estado de S. Paulo”, o locutor afirma que “não fui amigo de Senna, sou amigo. Ele continua presente para todos nós como exemplo. Tivemos uma relação especial, que misturou o profissional, amizade e admiração. Foram 12 anos”.

Uma das reportagens mais emblemáticas desta relação foi no final de 1988, quando a emissora dedicou uma reportagem inteira de “Globo Repórter”, na sexta-feira à noite, em horário nobre, a um perfil do novo campeão da F-1, Ayrton Senna [...] (FRANÇA, 2006, p. 77).

Ainda é necessário destacarmos que a cobertura da morte de Senna foi talvez um dos maiores acontecimentos midiáticos do jornalismo brasileiro, além da cobertura maciça das várias emissoras de TV (Globo, SBT, Record, Manchete etc.) e de rádio, que mudaram suas programações para trazerem boletins de última hora ou matérias sobre a vida do piloto (FRANÇA, 2006). Destacam-se as matérias de revistas como *Veja* e *Manchete*, matérias especiais estas antes dedicadas apenas a poucas personalidades, como no caso da morte de Juscelino Kubitschek ou no processo de *impeachment* de Fernando Collor de Mello (VEJA 1994, edição nº 1338A).

Desta maneira:

A grande repercussão do evento, no entanto, pode ser vista nitidamente na mídia impressa, com todos os grandes jornais diários do país dedicando dezenas de páginas sobre o assunto em suas edições seguintes. “Folha de S. Paulo”, “O Globo”, “Jornal do Brasil”, “O Estado de S. Paulo” e “Jornal da Tarde” carregaram em títulos usados apenas em edições históricas, e o assunto tomou mais de 50% do espaço da primeira página em todos os jornais acima citado [...] (FRANÇA , 2006, p. 82).

2.2 MERCADO EDITORIAL

Atualmente, o mercado editorial brasileiro vive um momento de crescimento segundo um panorama fornecido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) divulgado em 2011.⁷ Em 2009, foram publicados 43.814 títulos, num total de 401.390.391 exemplares e com um faturamento para as editoras de R\$ 4.167.594.601.40; em 2010 foram 54.754 títulos publicados, num total de 437.945.286 exemplares e com um faturamento de R\$ 4.505.918.296.76.

Assim, este crescimento é destacado por Roberta Pennafort, ao analisar o crescimento do mercado editorial nesse período:

O mercado editorial brasileiro cresceu em faturamento 8,1% em 2010, em relação a 2009. Quando considerado o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) Livro, esse crescimento se limita a 2,63%. Os ganhos ficaram em R\$ 4,5 bilhões. A tendência de queda do preço do livro se mantém: foi de 4,42% (PENNAFORT, 2011).

Nesse panorama do crescimento do mercado editorial há de se ressaltar também o crescimento do seguimento de *e-books*, ou livros virtuais, como mostra o artigo de Juliana Simão.⁸ Segundo a autora, o *e-book*, um computador portátil de leitura de textos que chegou ao mercado, tornou-se uma opção ao livro de papel e tinta, sendo considerado para as editoras um parceiro no objetivo de alavancar seus faturamentos. E para os leitores uma nova forma de se ler e economizar tempo e dinheiro.

Nesse contexto, estão as produções de biografias que abundam nas prateleiras das livrarias, principalmente as biografias de personalidades famosas,

⁷ Disponível no site <<http://www.snel.org.br/ui/pesquisaMercado/diagnostico.aspx>>.

⁸ Disponível em <www.e-commerce.org.br>.

vivas ou mortas, como as de Maysa, Edir Macedo, Silvio Santos, Justin Bieber, Lady Gaga, Michael Jackson e inúmeros outros.

Como já foi destacado no início desse trabalho, há um grande interesse do público pelas biografias, pois como Schmidt (1997, p. 2) nos aponta, o “yoverismo” faz com que os autores investiguem as vidas passadas, tanto na desconstrução dos mitos como para saciar a curiosidade dos leitores, assim como para que o seu leitor se conforme em perceber que figuras de destaque também são seres humanos, com seus erros e acertos.

As biografias escritas sobre Ayrton Senna também estão dentro desse panorama apresentado. Após uma pesquisa sobre as mesmas, chegou-se ao seguinte resultado, disponível neste quadro.

Quadro 1 – Biografias do Ayrton Senna

| Título | Autor | Editora | Ano |
|--|--------------------|--------------------|------------|
| <i>Ayrton – O Herói Revelado</i> | Ernesto Rodrigues | Objetiva | 2004 |
| <i>Ayrton Senna - Sua vitória seu Legado</i> | Karin Sturm | Record | 1994 |
| <i>Ayrton Senna - A imolação de um deus vivo</i> | Daniel Soares Lins | EUFC | 1995 |
| <i>Ayrton Senna - Príncipe da Formula 1 (1960 – 1994)</i> | Ken Ryan | Apa | 1994 |
| <i>Ayrton Senna, O Eleito - Coleção Avenida Paulista - Editora Ediouro</i> | Daniel Pizza | Ediouro | 2003 |
| <i>Ayrton Senna - Vida e Glória</i> | Ivan Rendall | Melhoramentos | 1995 |
| <i>Ayrton Senna, Saudade - O Que Faltava Saber</i> | Francisco Santos | Edipromo | 1999 |
| <i>Ayrton Senna - Herói Da Mídia F-1</i> | Paulo Scarduelli | Brasiliense | 1995 |
| <i>Ayrton Senna - Portfolio-biografia</i> | Sem autor | Sampa | 1994 |
| <i>Ayrton Senna - Vitória</i> | Sergio Rizzo | Melhoramentos | 2004 |
| <i>Ayrton Senna esporte com arte</i> | Fred Rossi | Anotações com arte | 2010 |
| <i>Ayrton Senna - Seine Siege Sein Vermachtnis</i> | Karin Sturm | Sport Verlag | 1994 |
| <i>Ayrton Senna - The Whole Story</i> | Christopher Hilton | Haynes Pubns | 1999 |
| <i>As Time Goes by</i> | Christopher Hilton | Haynes Pubns | 2004 |
| <i>Ayrton Senna – Uma lenda a toda velocidade</i> | Christopher Hilton | Global | 2009 |
| <i>Ayrton Senna, His Full Car</i> | Christopher Hilton | Haynes Pubns | 1996 |

| | | | |
|---|---|--------------------------|------|
| <i>Racing Record</i> | | | |
| <i>Ayrton Senna - The Legend Grows</i> | Christopher Hilton | Haynes Pubns | 1995 |
| <i>Ayrton Senna: Incorporating 'the Second Coming'</i> | Christopher Hilton | Haynes Pubns | 1994 |
| <i>Ayrton Senna - The Hard Edge of Genius</i> | Christopher Hilton, Keith Sutton (Photographer) | Patrick Stephens | 1990 |
| <i>Ayrton Senna - A Personal Tribute – Osprey</i> | Keith Sutton | Osprey Automotive | 1994 |
| <i>Ayrton Senna Do Brasil</i> | Francisco dos Santos | Edipromo | 1994 |
| <i>Ayrton Senna - Guerreiro De Aquário</i> | Evaldo Pereira Lima | Brasiliense | 1995 |
| <i>Ayrton Senna - Biografia</i> | Marlene Cohen | Globo | 2006 |
| <i>Viver no Limite - Glória e Tragédia na Formula 1</i> | Professor Sid Watkins (ex-medico da FIA) | Edipromo | 1996 |
| <i>Memories of Ayrton</i> | Christopher Hilton | Haynes Pubns | 2004 |
| <i>Obrigado, Ayrton Senna</i> | Christopher Hilton– ActualFoto | Nova Cultural | 1994 |
| <i>Obrigado, Senna, obrigado campeão</i> | Christopher Hilton | Nova Cultural | 1994 |
| <i>Os segredos de Senna</i> | João Gabriel de Lima | Objetiva | 2003 |
| <i>Recordando Ayrton Senna</i> | Alan Henry | Jornal da Tarde | 1999 |
| <i>Caminho Das Borboletas</i> | Adriane Galisteu | Caras | 1994 |
| <i>Remembering Ayrton Senna</i> | Alan Henry/John Townsend | Motorbooks International | 1994 |
| <i>Recordando Ayrton Senna</i> | Diversos autores | Estadão | 1994 |
| <i>Uma Estrela Chamada Senna</i> | Lemyr Martins | Panda Books | 2004 |

Fonte: disponível em <<http://www.estantevirtual.com.br>> e <http://senna.globo.com/memorialayrtonsenna/html_port/h_p6.htm>. Acesso em 02/09/11.

Entretanto, isso não significa que só existam tais biografias sobre Ayrton Senna. Essas apresentadas aqui foram aquelas que, durante a pesquisa, pode-se chegar a uma averiguação mais precisa sobre autores, editoras etc.

Há de se destacar que, em sua grande maioria, está esgotada nas livrarias e lojas de varejo (como Lojas Americanas, Carrefour), ainda que a pessoa possa fazer um pedido de reservas para quando o produto estiver disponível novamente.

Essas biografias também podem ser adquiridas nos *sites* de vendas, com todos os procedimentos que esse tipo de venda exige.

Após as pesquisas nos *sites* de busca de livros e de venda de livros, chega-se a conclusão de que dentre as biografias pesquisadas destacam-se a de Hernesto Rodrigues (*Ayrton Senna – O Herói Revelado*), a de Keith Sutton (*Ayrton Senna do Brasil*), a de Daniel Pizza (*Ayrton Senna: O Eleito*) e a de Christopher Hilton (*Ayrton Senna – uma lenda a toda velocidade*) entre as mais procuradas.

Desta maneira, observa-se que há hoje, mesmo após mais de 16 anos de sua morte, em grande parte das homenagens promovidas pelos veículos de imprensa e no badalado documentário sobre a sua vida (lançado em 2010), grande interesse do público para com este personagem, que certamente marcou a vida e a memória de várias pessoas, e “fez nascer” o interesse nos mais jovens (que não o viram correr) em saber quem foi esta figura ainda tão presente na sociedade brasileira, e para além dela.

3 BIOGRAFIAS E SEUS AUTORES

Como já mencionado anteriormente, as biografias estão despertando grande atenção dos pesquisadores, e dentre os personagens mais biografados no Brasil destaca-se a figura de Ayrton Senna.

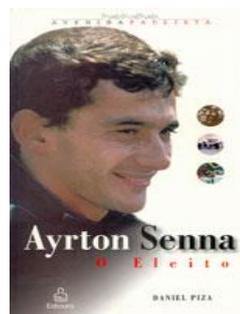
Assim, neste terceiro capítulo, abordaremos as biografias escritas sobre este personagem, iniciando pela apresentação destas e de seus autores, e a análise feita por Pierre Bourdieu.

De início, é necessário explicar que em virtude da grande quantidade de biografias já escritas e publicadas sobre Senna (como já foi exposto no Capítulo II) seria muito difícil trabalhar com todas elas, até porque muitas têm sua tiragem esgotada ou só estão disponíveis em outros idiomas.

Dessa forma, foi necessário realizar uma seleção, entre as biografias, para se definir com quais trabalhar, levando-se em consideração aspectos como facilidade de se encontrar as obras em livrarias, sebos, *sites* e o fato de estas estarem disponíveis em português.

Portanto, depois de feita esta triagem, ficou definido que se trabalharia com quatro obras, as seguintes: a biografia *Ayrton Senna, o eleito*, escrita por Daniel Piza e publicada em 2003 (nove anos após o falecimento de Senna) pela editora Ediouro. Esta obra faz parte da coleção Avenida Paulista, coleção que tinha a intenção de construir o perfil de personagens que teriam se tornado vozes de milhões de paulistanos. Tal coleção faz parte das comemorações dos 450 anos da cidade de São Paulo.

Figura 1: Biografia escrita por Daniel Piza.⁹



⁹ As capas das biografias citadas foram todas retiradas do site <<http://www.mercadolivre.com.br>>.

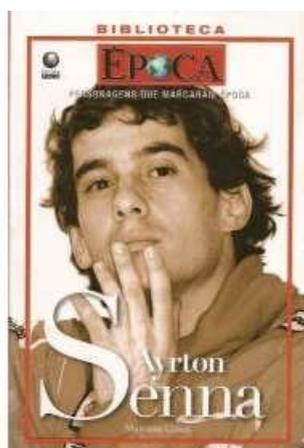
O autor dessa biografia, Daniel Piza, é um jornalista brasileiro nascido em 1970, formado em Direito pela Universidade de São Paulo, no entanto, preferiu seguir carreira jornalística no jornal *O Estado de São Paulo* a partir de 1991, cobrindo a área de cultura. Trabalhou também na *Folha de São Paulo*, de 1992 a 1995, cobrindo áreas de livros e artes culturais. Posteriormente, foi colunista e editor do caderno “Fim de Semana”, da *Gazeta Mercantil*, entre 1995 a 2000. Neste mesmo ano voltou para o jornal *O Estado de São Paulo*, sendo editor executivo e colunista social, e desde o ano de 2004 (logo após a publicação de sua biografia sobre Ayrton Senna) assina também uma coluna sobre futebol.

Piza também traduziu títulos de autores como Herman Melville e já escreveu mais de dezessete livros como, por exemplo, *Jornalismo Cultural*, de 2003 e até outras obras biográficas, como a *Machado de Assis – um gênio Brasileiro*, de 2005.

A biografia sobre Ayrton Senna foi produzida com base em pesquisas feitas em outras biografias escritas sobre este piloto, como *Ayrton Senna – As Time Goes by*, de Christofer Hilton, e *Uma estrela chamada Senna*, de Lemyr Martins. Também foram usadas entrevistas do piloto ao jornal *O Estado de São Paulo*, além de sites como o www.senna.globo.com.

Outra biografia abordada nesta pesquisa é *Ayrton Senna*, escrita por Marleine Cohen e publicada em 2006 (doze anos após a morte do piloto) pela Editora Globo. Esta obra faz parte da coleção Biblioteca Época, uma série de obras biográficas, muitas delas escritas pela própria Cohen, sobre personalidades como Che Guevara, Chico Xavier e Dalai Lama.

Figura 2: Biografia escrita por Marleine Cohen.



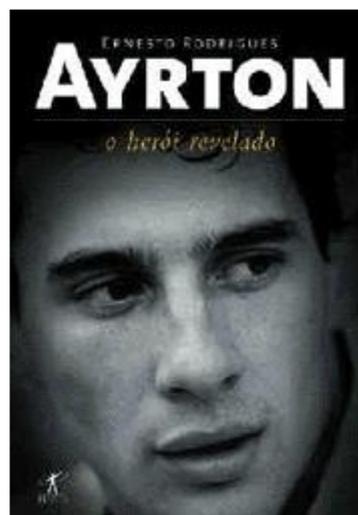
Marleine Cohen é uma jornalista especialista em meio ambiente, passou por algumas das grandes redações de São Paulo, onde também escreveu sobre comportamentos femininos e direitos do consumidor. É formada em jornalismo pela Faculdade de Jornalismo Objetivo em 1977, fez História, Política e Filosofia na *École des Hautes Etudes em Sciences Sociales* em 1979 e especialização na Sorbonne.

Cohen tem várias obras publicadas principalmente do gênero biográfico, como as biografias de Dalai Lama, Che Guevara, Juscelino Kubitschek, Mahatma Gandhi, Chico Xavier, John Lennon, Getúlio Vargas, Albert Einstein, além de obras não biográficas como *Dicas do fundo do Baú*, de 2008, *Como escalar Montanhas de Salto Alto*, de 2009, e sua obra mais recente *A história da felicidade – Uma palavra singular com sentido plural*, lançada em 2011.

A exemplo de Piza, a biografia produzida por Cohen é fruto de uma pesquisa de outras biografias, como a de Ernesto Rodrigues, *O Herói Revelado*, além de materiais pesquisados sob a autorização do Instituto Ayrton Senna. Entretanto, cabe ressaltar aqui que, apesar de ricamente ilustrado, em nenhum momento são citados na sua obra a autoria das fotos e imagens ali presentes.

A biografia *Ayrton Senna – O herói revelado*, produzida por Ernesto Rodrigues e publicada pela primeira vez em 2004 (dez anos após a morte de Ayrton Senna) pela editora Objetiva, é uma obra consideravelmente extensa, com 639 páginas. Contudo, diferente das obras anteriores, esta não faz parte de uma coleção ou série.

Figura 3: Biografia produzida por Ernesto Rodrigues.



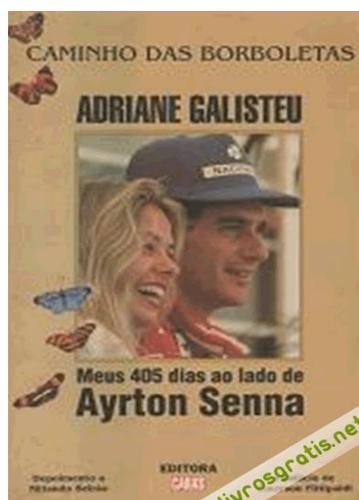
Rodrigues, assim como os demais autores já mencionados, também é jornalista e iniciou sua carreira como repórter do jornal *O Globo*, trabalhou também nas redações do *Jornal do Brasil* e das revistas *Veja* e *Isto é*. No ano de 1986 passou a trabalhar na Rede Globo. Nesta emissora foi jornalista do programa *Globo Repórter* e também chefe de redação da Globo São Paulo, responsável chefe da sucursal da Rede Globo em Londres, Inglaterra, além de editor executivo dos programas *Fantástico* e do *Jornal Nacional*.

Ernesto Rodrigues foi autor de outras biografias como *Jogo Duro – A história de João Havelange*, de 2007, além de diversas obras não biográficas como *No Próximo Bloco: o jornalismo Brasileiro na TV e na internet*, de 2005, *O veto no direito comparado*, de 1993, e *Verso e Prosa de novecientos*, de 2010.

A biografia escrita por Rodrigues é fruto de um extenso trabalho de pesquisa, resultado de 200 entrevistas, em média, com amigos, parentes e pilotos que tiveram contato direto com Senna. Há de se destacar também que Ernesto, diferentemente dos outros dois autores anteriores, tinha uma relação mais próxima a Senna por ser jornalista da Rede Globo, por participar das coberturas das corridas de F1 e das entrevistas de Ayrton Senna, e por estar cotidianamente em contato com amigos chegados do automobilista, como Galvão Bueno e Reginaldo Leme.

A quarta obra selecionada foi *Caminho das borboletas*, de Adriane Galisteu, publicado em 1994 (meses depois da morte do piloto) pela editora Caras. A primeira edição da obra teve um lançamento de 70 mil exemplares.

Figura 4: Livro *Caminhos das borboletas* de Adriane Galisteu.



Adriane Galisteu nasceu em 18 de Abril de 1973, foi modelo e fez parte do grupo musical *teen* Meia Soquete na sua adolescência, grupo este que teve, em termos de vendas de LPs, um desempenho até considerável. O grupo, que gravou suas canções primeiro pela gravadora RGE e posteriormente pela Som Livre, chegou a ganhar o disco de ouro (o equivalente na época a 100 mil cópias de LP's vendidos). Atualmente, é apresentadora de programas de TV.

Galisteu foi namorada de Ayrton Senna de 1993 até a morte dele em 1994. Ela não tem uma vasta gama de obras publicadas como os outros autores, mas seu livro talvez seja, dentre os textos que se referem a Senna, uma das que alcançam maior êxito de vendas.

Esta obra (que muitos consideram mais como um livro de memórias dela do que uma biografia propriamente dita) foi resultado de 30 horas de depoimentos de Galisteu gravados em Sintra, Portugal. Nirlando Beirão, editor do livro e autor do prefácio, foi quem redigiu o texto com base nas dezenas de horas de depoimentos de Adriane. Neste caso, fez o papel do *ghost-writer*, “escritor-fantasma”, contratado para dar forma narrativa a pesquisas, depoimentos, relatos, palestras etc, e que depois ‘desaparece’ sem exigir autoria.

Desta forma, expostas as biografias, é possível fazer uma diferenciação entre elas. O livro de Galisteu aproxima-se, como já foi mencionado, mais a um relato de suas memórias com Senna. Interessante destacar que a autora, no caso Adriane Galisteu, é aquela entre todos os autores biográficos aqui apresentados que teve maior intimidade com o biografado.

É necessário destacar também que as informações ali contidas sobre a vida de Senna, antes de este ter contato direto com Galisteu, são resultado provavelmente de confissões, conversas com o mesmo ou com familiares e ou amigos do piloto.

Já Ernesto Rodrigues teria um envolvimento mediano com o biografado, isto é, o conhecia, mas sem ser seu íntimo. Em seu texto, o relato sobre Senna inicia-se com os antecedentes da prova de Ímola, em 1994, passando em seguida a fazer o relato da vida do piloto.

Por sua vez, Cohen e Piza podem ser considerados como aqueles que tiveram o menor grau de envolvimento direto com o biografado. Ambos seguem o modelo tradicional das biografias escritas sobre Senna, falando primeiro da sua morte, para depois fazerem o relato de sua vida.

No caso de Cohen, ela inicia a obra narrando a morte de Senna a partir das memórias da médica italiana Maria Teresa Fiandri, que atendeu o piloto no hospital onde foi levado após o acidente mortal em Ímola.

Já Piza inicia considerando o impacto da morte de Senna, apesar de reconhecer que a maioria das biografias escritas sobre ele começam falando de sua morte e das polêmicas que a envolveram.

Transcorrida esta parte, seguimos então para a etapa seguinte deste trabalho, que é a análise das biografias com base no texto de Pierre Bourdieu, “A Ilusão Biográfica”.

3.1 A ‘ILUSÃO BIOGRÁFICA’ E AS BIOGRAFIAS SOBRE AYRTON SENNA

Para esta análise, foi usado como base o texto de Bourdieu “A ilusão biográfica”, presente na obra *Usos e abusos da história oral*, de 1996. A obra foi publicada pela editora da Fundação Getúlio Vargas, tendo como organizadoras Marieta de Moraes Ferreira e Janaina Amado, estas, ao organizarem a coletânea de textos, tinham por objetivo apresentarem aos leitores brasileiros os principais autores estrangeiros e suas discussões sobre os mais destacados aspectos desta temática, que gera debates rejeições e críticas. Os artigos foram selecionados de modo a apresentar os diversos enfoques e possibilidades que a História oral nos oferece, da mesma forma que nos ressalta a importância da compreensão da proximidade entre o historiador e o processo dos acontecimentos que este aborda, enfim ressalta a importância dos estudos da história do tempo presente. Dentre os textos mais expressivos, destacam-se, além do artigo de Pierre Bourdieu, os de Giovanni Levi *Usos da Biografia*, *A fecundidade da história oral* de Etienne François, além do artigo de Roger Chartier *A visão do historiador modernista*.

Também foram utilizados textos de comentadores e autores que se utilizam do pensador francês nas suas análises biográficas como Miguel Ângelo Montagner.

Nesta análise, selecionamos alguns dos pontos levantados por Bourdieu em seu texto acerca das construções das biografias e dos discursos biográficos, e analisamos como estes se apresentam nas biografias sobre Ayrton Senna.

Um dos primeiros pontos levantados por Bourdieu é a respeito da noção que a vida constitui em “todo coerente e orientado”, pois como nos aponta esse autor:

O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, como o do investigado que “se entrega” a um investigador, propõe acontecimentos que sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica (quem já coligiu histórias de vida sabe que os investigados perdem constantemente o fio da estrita sucessão do calendário), tendem ou pretendem organizar-se em seqüências ordenadas segundo relações inteligíveis [...] (BOURDIEU, 2002, p. 184).

Pode se observar isso já no sumário das biografias. Como na escrita por Daniel Piza, em que seguindo um esquema semelhante ao de uma corrida divide seus títulos em: “volta de aquecimento, ladeira acima, entre os grandes, no topo do podium, oscilações e bandeirada final”. Ou seja, podemos entender que, para Piza, assim como uma prova de automobilismo, a vida de Senna teve um início, um meio e um fim com sua morte em Ímola 1994, além de um legado pós-morte. Ou seja, a ideia que nos aponta Bourdieu de uma vida linear que vai desde a infância e seus primeiros contatos com kart até seu trágico acidente que lhe vitimou a vida e as repercussões desse acontecimento.

A obra escrita por Marleine Cohen não é muito diferente, ela divide seu sumário em: “Luto na Fórmula 1, O menino dínamo, Nasce Ayrton Senna do Brasil, Uma investigação sem fim e Um desejo, uma realização”. Desta maneira, repete a sucessão de eventos como se previamente ordenados, iniciando sua obra com a morte do piloto, seguindo para a infância de Senna, seus contatos com o automobilismo e sua ascensão já nas primeiras provas, em seguida passando a seu apogeu no automobilismo, as investigações de sua morte e seu legado para a posteridade.

Cabe ainda destacar que logo após o sumário há um resumo cronológico da vida de Senna (intitulado “Um ás nas rodas do tempo”), com os principais acontecimentos de sua existência, indo do seu nascimento até sua morte (seguindo algo próximo a uma linha do tempo, uma linha da vida).

Ernesto Rodrigues não foge desse esquema de organização dos capítulos, também seguindo de forma linear o trajeto de Ayrton Senna, da infância até seu falecimento. Podemos dividir a obra em capítulos relacionados à juventude

de Ayrton Senna, capítulos relacionados à sua adolescência, outros referentes ao seu auge, e os últimos sobre o fim de sua vida e os acontecimentos *post-mortem*.

Podemos refazer o trajeto de Senna de acordo com tal divisão. Assim, os capítulos relacionados à juventude de Senna, “Palmas no Tremembé”, narra seu primeiro contato com um kart, feito por seu próprio pai, além de suas primeiras vitórias nas categorias inferiores. Sobre sua adolescência e a passagem para a fase adulta, “Um certo da Silva” conta sobre a chegada de Senna à Europa para disputar provas de Fórmula Ford e sua ascensão por lá. A sequência óbvia está em “Começa o espetáculo”, sobre sua chegada à F1 e seus “primeiros bons” resultados.

Há vários capítulos que abordam a fase de auge de sua forma física e técnica: “O mágico da Lótus preta”, sobre sua passagem na equipe Lótus; “A Aliança”, a respeito de suas amizades e sua parceria com a empresa de motores Honda; “Trunfo e Mágoa”, sobre as polêmicas com Nelson Piquet e suas primeiras glórias na McLaren; “O fim da perfeição”, a respeito das brigas internas dentro da equipe McLaren, principalmente com o piloto francês Alan Prost e seu namoro com Xuxa Meneghel; “Perdas, trocos e ganhos”, sobre a temporada de 1990 e as polêmicas com o presidente da FISA Jean-Marie Balestre; “Tempo de glória” narra a temporada de 1991 e o tricampeonato; “Ano do descontrole” descreve a temporada de 1992, em que Senna não tinha chance de conquistar o mundial daquele ano; “Lúcido, veloz e feliz”, a respeito da temporada de 1993, seu namoro com Adriane Galisteu e a corrida, comentadíssima, em Donington Park.

A parte final sobre seus últimos meses de vida, sua morte e seu legado está dividida da seguinte maneira: “Glória incerta”, sobre sua ida para a equipe Williams e sua última temporada na F1; “A perda”, a respeito de sua morte; “Adeus”, seu funeral e a investigação do acidente e, por fim, “Depois de maio”, sobre o *pos-mortem* de Senna e seu legado.

Assim, visualizando-se Rodrigues que, apesar de fazer uma narrativa que intercala passagens da vida pessoal de Senna com seus feitos nas pistas, também segue o esquema tradicional: divide a vida de Senna em períodos que vão de sua infância até seu falecimento, seguindo a linearidade cronológica.

A obra de Galisteu não tem a divisão tradicional de capítulos, não há nem um sumário na obra. Seguindo um esquema mais semelhante a um diário, pode ser dividido em quatro partes: a primeira sobre a morte de Senna, a segunda

sobre ela e a convivência com o piloto, a terceira sobre o funeral de Senna e as polêmicas envolvidas entre o relacionamento dela com a família do automobilista e, por fim, a quarta, sobre os dias após o sepultamento do automobilista.

Dessa forma, podemos entender que todos buscam dar um sentido à vida de Senna (a exceção talvez seja a obra de Galisteu, em que não se percebe isso de forma muito clara), indo linearmente de sua infância até seu trágico fim em Ímola, com seus desdobramentos e legados criados após sua morte, como o Instituto Ayrton Senna, dirigido por sua irmã, Viviane Senna.

Sobre o relato autobiográfico, e que também se encaixa no relato biográfico, Bourdieu diz:

[...] cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência, e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito e causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário [...] (BOURDIEU, 2002, p. 184).

Ao ter contato com as biografias sobre Senna, chega-se à conclusão que a lógica presente nelas é a sua entrada no universo da Fórmula 1 e sua consagração como campeão mundial em virtude de seu talento e dos seus feitos, ainda na infância e adolescência. Essa lógica perpassa todas as etapas necessárias para que o piloto chegasse à categoria máxima do automobilismo mundial, ou seja, essa lógica perpassa da infância à idade adulta de Senna.

Na obra de Daniel Piza, “Ayrton Senna, o eleito”, essa “quase lógica” aparece em vários momentos. Assim, sobre o interesse precoce de Ayrton Senna pela velocidade e pelo automobilismo:

Senna pilotava tudo que tivesse rodas, um motor e um volante, como o trator e o jipe da fazenda. Descia a ladeira da rua Pedro com o kart como se quisesse estudar a gravidade. Ia a parques como o do Anhembi para dirigir. Era daquele tipo de criança que desmontava tudo para saber como funciona, especialmente coisas mecânicas e eletrônicas, e passava a noite toda mexendo no kart numa oficina improvisada nos fundos da casa (PIZA, 2003, p. 16)

E nessa outra passagem sobre o início de Senna no kart, já em nível de competição:

Mas até aqui poderia não ser muito diferente de um garoto como eu ou você, que se apaixona por dirigir em velocidade. No entanto, no mesmo ano, Ayrton começou a competir com outros meninos – todos eles com mais de 15 anos. E a partir de 1973, aos 13 anos, começou a participar de competições oficiais. A primeira corrida foi justamente em Interlagos, no dia 1º de julho [...] Senna, ora, venceu (PIZA, 2003, p. 17)

Na obra de Marleine Cohen, “Ayrton Senna”, o destaque vai para sua inquietude, ousadia e sua precoce paixão pelo automobilismo, que se apresentam dessa forma:

Apesar de agitado, o moleque travesso vivia com as canelas roxas e a testa cheia de galos [...] tinha norte. Tinha audácia.

Tinha que, lá pelos 10 anos de idade, durante uma temporada na praia, pegou escondido a Veraneio do pai, esticou-se todo ao volante [...] e arrancou, levantando poeira na estrada, mudando as marchas apenas com a ponta dos pés nos pedais (COHEN, 2006, p. 25).

A partir de então, o pequeno se enamorou da velocidade: ao volante de seu carrinho, que apelidou de “007”, ele experimentou as primeiras emoções de correr no pátio da fábrica do pai [...] antes de completar 13 anos [...], Senna já corria na base da brincadeira. Sua primeira prova oficial se deu no dia 1º de julho de 73, em Interlagos. Ali mesmo, ele viu sua estrela começar a brilhar: no grid de largada [...] (COHEN, 2006, p. 26).

Já na biografia escrita por Ernesto Rodrigues, “Ayrton Senna – O herói revelado”, o autor sugere que há dúvidas sobre o futuro promissor de Ayrton como piloto na seguinte passagem:

Nos primeiros anos de vida, Ayrton não deu o menor sinal de que poderia se tornar o prodígio de precisão e concentração que assombrariam o mundo do automobilismo. Dona Neyde e a irmã mais velha, Viviane, eram testemunhas de seu jeito desastrado [...] (RODRIGUES, 2004, p 5).

Entretanto, logo mais adiante, o discurso do talento e a noção de direção precoce de Senna aparecem.

Quando o menino entrou no kart pela primeira vez, a ternura que ele despertava deu lugar à incredulidade.

Seria assim por 30 anos.

João Alberto, um vizinho, seis anos mais velho que Senna, amigo de Viviane, estava entre as pessoas que testemunharam a primeira vez em que Ayrton se ajeitou no banco anatômico do kart fabricado pelo pai e acelerou.

“Foi arrepiante. Ele tinha uns quatro anos e todo mundo ficou vendo ele andar no kart. Já na primeira volta na rua de terra, ficamos todos impressionados com a noção que ele já tinha” (RODRIGUES, 2004, p7).

Foto 1: Ayrton Senna criança, 1964¹⁰



Na próxima etapa de sua vida, a adolescência, a lógica se mantém. Nos discursos, o talento de Senna se aflora cada vez mais, vencendo cada vez mais, impressionando a todos e sempre mais forte, reforçando a “certeza” de que seria um vitorioso no futuro. Em Daniel Piza, essa condição aparece nessa passagem:

[...] ao contrário da maioria dos pilotos, Ayrton era seu próprio mecânico, mas contava com a ajuda de Lucio Pascual [...]. Todos os elementos que comporiam sua reputação na F1 já estavam presentes naquele mundinho amador, juvenil e improvisado do kart [...]. Sempre tentava fazer as curvas mais rápido que os outros, e as fotos de suas atuações no kart mostram que ele as fazia quase de lado, no limite da força centrífuga. Sua rotina de poles e vitórias começava [...] (PIZA, 2003, p. 18).

Na obra de Cohen, os feitos de Senna são ressaltados com a dedicação do jovem piloto ao “seu” esporte.

[...] enquanto estava correndo, não havia nada que tirasse a concentração de Ayrton Senna. Tamanha dedicação lhe rendeu uma carreira meteórica no kartismo nacional e, depois de colecionar vários títulos, o piloto ficou conhecido como o maior da categoria no Brasil. Em 1976, venceu o campeonato paulista de kart na categoria 100cc e as três horas de Interlagos [...] em 1977, arrematou o título de campeão sul-americano [...] (COHEN, 2006, p. 31).

¹⁰ Todas as fotos aqui mostradas foram retiradas do Acervo particular da Aspe, disponíveis no site <<http://www.abril.com.br/fotos/ayrton-senna/>>. Acessado em: 29 out/2011.

Por sua vez, na obra de Rodrigues, esse discurso também é perceptível, intercalada com passagens da vida pessoal do piloto e as técnicas usadas por ele para ser o mais veloz:

Um caso curioso de acumulação das funções de piloto e chefe de equipe. Senna não cronometrava a volta completa. Ele dividia o kartódromo de Interlagos em quatro trechos e ficava experimentando diferentes freadas, trajetórias [...] Para quem assistia o treino ele parecia lento [...]. Só na hora da tomada de tempo oficial é que o kartódromo descobria que o kart número 42 era quase sempre o mais veloz (RODRIGUES, 2004, p. 12-13).

Foto 2:
no cockpit
Toleman



Senna
da

Foto de Lerry Martins, 1993.

Já na passagem de Senna da Fórmula 3 para a badalada e “elitista” Fórmula 1, o discurso da sua genialidade vai se confirmando, já que começava a

coleccionar resultados interessantes, correndo por uma equipe considerada pequena, no caso a Toleman, como o tão afamado Grande Prêmio de Mônaco de 1984. Tais resultados dão a tônica e mais uma vez reforçam o sentido de que aquele que foi vitorioso nas categorias de base do automobilismo e que impressionava por sua ousadia, arrojo e genialidade, seria em breve também vitorioso e campeão, agora na elite do automobilismo mundial.

Na obra de Piza há uma passagem sobre os donos das grandes equipes de F1 daquela época, que já de olho no menino da F3 inglesa, reforça a imagem de Senna como um prodígio que logo estaria entre os grandes.

[...] Ele punha de saída um segundo ou mais de vantagem sobre os outros pilotos, confiante em não perder o domínio do carro. Em meados da temporada, Senna já era famoso no mundo do automobilismo, e nomes como Bernie Ecclestone, Frank Williams e Peter Warr já mandavam recados. (PIZA, 2003, p. 26)

O GP de Mônaco de 84, em que o novato surpreende a todos com um desempenho “acima de todas as expectativas”, somente reforça a sina de campeão:

Mas sua primeira corrida em Mônaco tem muito mais a dizer [...] Mônaco exige uma pilotagem angulosa, atenta, hiperconcentrada – exige, portanto, um piloto como Senna. Ainda mais quando chove. E naquele 3 de julho de 1984 chovia muito [...] Senna largava em nono, estava com os pneus certos e vinha ganhando posições, uma a cada duas ou três voltas [...] A interrupção foi determinada na volta 31, mas Senna só soube disso depois de ter ultrapassado Prost e “vencido” (PIZA, 2003, p. 39-40)

Marleine Cohen mostra essa passagem da vida de Senna da seguinte forma:

Entretanto, Senna não demoraria a causar *frissons* na F-1. Na prova seguinte, na África do Sul, terminou o circuito em 6º e ganhou seu primeiro ponto. Ao final da competição, contudo, dispensou os elogios, restando o entusiasmo do seu chefe na escuderia, Alex Hawkridge: “Estou pronto para chegar ao pódio, arrume um carro para isso”, rebateu. Três semanas depois, na Bélgica, nova *performance* impecável no travado circuito flamengo e outro 6º lugar. [...]

Um dos momentos mais emocionantes do início de carreira de Ayrton Senna foi o GP de Mônaco, em 1984.

O piloto largou em 13º, ultrapassou rivais mais experientes que ele na F-1 e encostou em Niki Lauda [...] Ayrton Senna estava para ultrapassar Prost quando providencialmente, se declarou a prova encerrada na 31ª volta das 76 voltas previstas. O *score* final, que considerou as posições da volta anterior, deu o título ao francês (COHEN, 2006, p.38)

Já Rodrigues, no seu estilo de intercalar as passagens mais pessoais e os resultados de pista, também traz esse momento assim:

A solução de Ayrton para conseguir alguma familiaridade com as ruas de Mônaco, fechadas como sempre ao tráfego normal para se transformarem na mais anacrônica e charmosa pista [...] foi pegar uma bicicleta motorizada e dar algumas voltas (RODRIGUES, 2004, p. 81)

Prost largou na frente, mas o que chamou a atenção de todos foi a caçada de Senna, a cada volta inventando novos postos de ultrapassagem [...]. Ayrton passou a guiar por ouvido, sem ligar para o ponteiro do conta giros. Desse modo ele se precavia contra a falta de precisão dos turbo compressores daquela época [...].

Aquela altura ninguém tinha mais dúvida que em uma ou duas voltas Ayrton encostaria na McLaren de Prost e o ultrapassaria, ou na freada da curva Saint - Devote ou na entrada da chicane depois do túnel, como já fizera com Lauda e outros (RODRIGUES, 2004, p. 82)

O país saía da ditadura, era o tempo da campanha pelas eleições diretas, havia um clima de emoção no ar, mas faltavam pessoas marcantes. Senna apareceu na hora certa: uma pessoa simples, corajosa e orgulhosa de seu país (RODRIGUES, 2004, p. 85)

Entretanto, essa construção lógica inteligível de uma vida ordenada com um propósito, uma finalidade ou um fim teleológico é ilusória, pois como nos aponta o sociólogo Miguel Ângelo Montagner ao fazer uma análise das perspectivas teóricas de Pierre Bourdieu:

Nossas vidas não são um *projeto* sartriano e não possuem um sentido teleológico. Os eventos biográficos não seguem uma linearidade progressiva e de causalidade, linearidade de sobrevôo que ligue e dê sentido a todos os acontecimentos [...] Eles não se concatenam em um todo coerente, coeso e atado por uma cadeia de inter-relações: esta construção é realizada a *posteriori* pelo indivíduo ou pelo pesquisador no momento em que produz um relato [...] (MONTAGNER, 2007, p. 251-252).

Nesse sentido, quais seriam as motivações para que o construtor biográfico desse tal sentido lógico a uma existência que não é progressiva nem linear?

Bourdieu nos aponta as prováveis origens desse interesse. Ao se selecionar determinados momentos de uma existência em nome de uma perspectiva global da existência humana, o biógrafo, ao exercer o seu ofício de interpretar essa existência, acaba aceitando a criação “arbitrária” de sentido da vida humana. Assim:

[...] é provável que esse ganho de coerência e de necessidade esteja na origem do interesse, variável segundo a posição e a trajetória, que os investigados têm pelo empreendimento biográfico. Essa propensão a tornar-se ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência, como as que implica a sua instituição como causas ou, com mais freqüência, como fins, conta com a cumplicidade natural do biógrafo, que, a começar por suas disposições de profissional da interpretação só pode ser levado a aceitar essa criação artificial de sentido (BOURDIEU, 2005, p. 184-185).

Desse modo, o biógrafo, como aponta Bourdieu, torna-se cúmplice dessa ilusão do sentido da vida, já que tem um interesse em aceitar a coerência, já que seu discurso se baseia no intuito de dar uma razão de ser do objeto pesquisado, e como aponta Felipe Pena (2004, p. 2) tranquilizar os leitores, que dessa forma se identificam com trajetória construída.

3.2 A QUESTÃO DO NOME NAS BIOGRAFIAS

Outro ponto levantado por Bourdieu é com relação ao nome próprio na construção de um indivíduo unitário, coeso, portador de uma identidade, ou seja, alguém que passa a ter um sentido, uma função, uma atividade que homogeneíza toda uma existência social.

Nesse sentido, Bourdieu nos aponta que:

O mundo social, que tende a identificar a normalidade com a identidade entendida como constância em si mesmo de um ser responsável, isto é, previsível ou, no mínimo inteligível, à maneira de uma história bem construída [...] A mais evidente é, obviamente, o nome próprio (BOURDIEU, 2002, p.186).

O nome próprio é a forma de dar significação e identidade ao ser humano nos diversos meios sociais, nos variados tempos, ou seja, o elemento sintetizador da vida de alguém.

Assim, o nome se torna, de certa forma, o elemento oficial que sintetiza toda uma existência terrena, como um *curriculum* (que não deixa de ser uma espécie de biografia extremamente sintetizada), que traz as informações oficiais e “básicas” para a construção de uma vivência ordenada, com CEP, RG, endereço, histórico escolar, ficha criminal, ficha trabalhista, árvore genealógica etc.

Portanto, como nos aponta Bourdieu:

O nome próprio é o atestado visível da identidade de seu portador através dos tempos e dos espaços sociais, o fundamento da unidade de suas sucessivas manifestações e da possibilidade socialmente reconhecida de totalizar essas manifestações em registros oficiais, curriculum vitae [...] necrologia ou biografia [...] (BOURDIEU, 2002, p. 187).

Nessa linha de pensamento, o nome Ayrton Senna da Silva é a síntese e a identidade de um indivíduo, originalmente múltiplo e fragmentado, mas que é englobado pelo nome próprio, ganhando sentido e significado. Dessa forma, o nome deste automobilista torna-se símbolo não só do indivíduo Ayrton Senna da Silva, mas também símbolo e significado de diversas coisas nas biografias.

Foto 3:
comemora
Grande
Brasil



Senna
vitória no
Prêmio do

Como no caso da obra de Cohen, sobre o Senna “símbolo do Brasil”:

Ao passar pelo Box, resolveu tripudiar: apanhou uma bandeira do Brasil e fez, pela primeira vez, a volta da vitória com o verde-amarelo ao vento, sob forte chuva.

Nascia Ayrton Senna do Brasil, um programa imperdível nas manhãs de domingo (COHEN, 2006, p 42)

Em Piza, o nome Senna é sinônimo da confiança e da autoconfiança. “Senna não era apenas vitorioso, ele parecia vitorioso [...] o público via o resultado glorioso nas pistas, mas sentia tudo isso na maneira de ele ser [...] Senna comunicava autoconfiança, e num esporte de alto risco” (PIZA, 2003, p. 11-13).

Sobre Senna como um símbolo de coragem:

Senna era admirado em todas as partes do mundo e sua fama tinha ido além da sugerida por seu desempenho esportivo: era uma tradução de arrojo calculado, um emblema de excelência para qualquer uma das “escolas” nacionais um exemplo de coragem. (PIZA, 2003, p. 13)

E sobre Senna como exemplo para a nação: “O talento ele tinha e amadureceu, chegando ao sucesso de acordo com as circunstâncias [...] Era como se, nele, a pressa fosse amiga da perfeição, e toda uma nação pudesse fazer o mesmo e cortar caminho para uma história de sucessos” (PIZA, 2003, p.129).

Em Ernesto Rodrigues, sobre o desejo (do próprio Senna) de manter ligação com o Brasil, de querer ser reconhecido como um brasileiro, ou seja, como um símbolo do Brasil, como alguém que amava o seu país, a narrativa diz:

Senna estava determinado, naquele verão e para o resto de sua vida a manter todos os laços possíveis com o Brasil, apesar da vida profissional na Inglaterra. Bastava uma chance para viajar para São Paulo [...] “Graças a Deus fico aqui até março. O Brasil é um país maravilhoso de se viver.” (RODRIGUES, 2004, p. 72)

Outra passagem de Senna como ícone, ídolo jovem, ícone que prendia a atenção, ídolo além de seu tempo.

Outro James Dean do automobilismo, Senna permaneceu sempre jovem para os milhões que choraram por ele, garantindo sua condição de ícone para as gerações futuras [...] Senna permanece para os que o viram como uma síntese – ou mesmo o apogeu – do significado da expressão “piloto de

competição”. Sua influência se estendeu além de sua própria geração [...] Senna podia manter o público num estado de encantamento com suas hipnotizantes jornadas além do limite. Ele nos levou a lugares que não sabíamos que existiam (RODRIGUES, 2004, p. 569)

Na obra de Galisteu, no momento do velório de Senna, o sentimento

era de que
trazido
povo e
também
quem todos
como um
membros
queridos da



ele tinha
alegria ao
mais, era
aquele a
queriam
dos
mais
família.

Mendigos,
milionários,
crianças,
adolescentes,
velhos,
mulheres,
deficientes,
garotões,
políticos,
artistas,
socialites – a
fila era um
democrático
mostruário de
um país
chamado

Brasil que se recusava admitir a ideia de perder uma das poucas figuras que lhe passavam um sentimento positivo de vitória [...] Ayrton Senna era o filho, o irmão, o namorado, o amigo que todo o Brasil queria ter (GALISTEU, 1994, p. 197).

Foto 4: Cortejo fúnebre de Ayrton Senna

Foto de Egberto Nogueira, 1994.

Contudo, como nos aponta Montagner, ao analisar a visão bourdieusiana sobre a questão do nome nas biografias, é preciso ficar alerta:

Do ponto de vista de Bourdieu, é impossível dar sentido a um todo que nos escapa ao próprio sujeito, histórico, determinado socialmente, imerso num universo social fora de nossos controles [...] o nome e o nosso sobrenome, veículos por excelência de identificação do indivíduo, vem juntar-se e compor a objetivação da relação entre um corpo e um símbolo que o identifica. Todo o aparato social de formação de uma identidade, ou de uma *persona*, aqui entendida como máscara social, virá a se sedimentar sobre essa relação de tornar concreto um todo biográfico que, na realidade, não existe [...]. (MONTAGNER, 2007, p. 253).

Portanto, ao darmos sentido a uma vivência, ao encadearmos os acontecimentos da vida de maneira ordenada e cronológica, ao estabelecermos um sentido, um objetivo, um fim para uma existência humana, corremos o risco de, como diz Bourdieu (2002, p. 189), “explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede”.

Ou seja, sem levarmos em consideração o espaço ocupado pelo indivíduo, seus deslocamentos, suas relações com o contexto, sem reconhecer que o ser humano é agente sobre sua existência (sua vida), e sobre o mundo em que vive, da mesma forma que também sofre ação de outros agentes sociais, e de seu tempo. Alguém que, como nota Bourdieu, desloca-se dentro do espaço social.

CONCLUSÃO

Ao se concluir este trabalho, chegamos a mais dúvidas e questionamentos do que propriamente a respostas sobre esse tema. Fica clara a necessidade de produção de mais pesquisas e discussões sobre Ayrton Senna e sobre suas biografias, principalmente na área historiográfica.

Apesar de abordagens acadêmicas interessantes como o de Rodrigo França, a nosso ver ainda carece de trabalhos acerca da construção da imagem desta celebridade cotidianamente lembrada e relembrada pelos diversos veículos de informação, e que exerce influência sobre as pessoas mesmo já transcorridos mais de 16 anos de sua morte.

Do mesmo modo, há carência na historiografia de trabalhos que abordem essa relação entre a mídia (sendo ela escrita, visual e internética) e essa figura singular, que usou e também foi usada por tais veículos de comunicação, tanto nos seus tempos de vida como no seu *pós-mortem*.

Não há como negar as dificuldades em se relacionar as argumentações de Pierre Bourdieu com as fontes utilizadas neste trabalho, o que claro deixa a necessidade de um maior aprofundamento nas leituras e análises de obras e de estudos a respeito deste autor e de suas pesquisas.

Percebe-se que as discussões sobre os usos das biografias pelos historiadores, tanto como fonte quanto como forma de se produzir um conhecimento histórico, estão longe de serem consideradas encerradas, assim como se observa que Ayrton Senna é uma figura pouco trabalhada pela historiografia brasileira.

Desta maneira, para Bourdieu o principal problema a respeito das biografias é o fato dessas serem concebidas como um conjunto coerente e ordenado de acontecimentos de uma existência humana, em que as trajetórias de vida aparecem como uma sucessão cronológica de acontecimentos que aparentam seguir uma ordem lógica, desde o início até o fim da vida.

Portanto para Bourdieu:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja confrontar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar [...] (BOURDIEU, 2002, p.185).

Contudo, não podemos considerar as discussões sobre este tema como encerradas, já que este tema ainda poderá gerar diversas e variadas opiniões e conclusões.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Débora El-Jaick. Escrita da História e política no século XIX: Thomas Carlyle e o culto aos heróis. *História e Perspectivas*, Uberlândia, n. 35, p. 211-246, jul./dez. 2006.

AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. *Dimensões*, Vitória, v.24, p.157-172. 2010.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p. 183-191.

CARLYLE, Thomas. *Os Heróis*. Cidade: Guimarães, 1956.

COHEN, Marleine. *Ayrton Senna*. São Paulo: Globo, 2006, 109p.

FRANÇA, Rodrigo. *Ayrton Senna e o jornalismo esportivo*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.proseca.incubadora.fapspe.br/portal/bdtd/2006/2006/-me-cunha_rodrigo.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2011.

GALISTEU, Adriane. *Caminho das Borboletas: Meus 405 dias ao lado de Ayrton Senna*. São Paulo: Caras, 1994, 220p.

GERHARD, Bruno. *Rede Globo, A passagem do herói ao mito: Ayrton Senna. Cesumar artigos*, Maringá, 2009.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História, a título de prólogo. In: _____. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 7-24.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p. 167-191.

MALATIAN, Teresa Maria. A Biografia e a História. *Cadernos CEDEM*, Franca, v.1, n.1, p.16-31, jan. 2008.

MICELI, Paulo. *O mito do Herói Nacional*. 4. ed. São Paulo: Contexto. 1994.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 9, n.17, p.240-264, jan./jun. 2007.

PENA, Felipe. Biografias em Fractais: múltiplas identidades em redes flexíveis e inesgotáveis. *Revista Fronteiras-estudos midiáticos*, São Leopoldo, v. 6, n.1, p.79-89, jan./jun. 2004.

PENNAFORT, Roberta. Mercado editorial brasileiro cresceu em 2010. In: *Estadão.com.br/Cultura*. 16 ago./2011. Disponível em:

<<http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,mercado-editorial-brasileiro-cresceu-em-2010,759315,0.htm>>. Acesso em: 19 ago. 2011.

PIZA, Daniel. *Ayrton Senna: o eleito*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. 142p.

RODRIGUES, Ernesto. *Ayrton: O Herói Revelado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004, 639p.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo Biografias. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 19, p.3-21, 1997.

_____. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. *História Unisinos*, São Leopoldo, v.8, n.10, p.131-142, jul./dez. 2004.

SIMÃO, Juliana. *E-books agitam mercado*. Disponível em: <<http://www.e-commerce.org.br/artigos/ebooks.php>>. Acesso em: 18 ago. 2011.

REVISTAS

PLAYBOY. São Paulo: Abril, nº 95, jun. 1983.

QUATRO RODAS. O teste do campeão: Ayrton Senna julga os carros nacionais. São Paulo: Abril, nº 284, mar. 1984.

SENNÁ, Ayrton. Entrevista: Ayrton Senna. *Veja*, São Paulo, n. 890, p. 3-6, 25 set. 1985. Entrevista concedida a Mauricio Cardoso.

SENNÁ, Ayrton. Meu ano na F1. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p.2, 2 mar. 1991. Entrevista concedida a Silvio Nascimento.

VEJA. Senna um herói e seus enigmas. São Paulo: Abril, nº 1118, 21 fev. 1990. 104 p.

_____. Edição Extra. São Paulo: Abril, nº 1338 A, 3 maio. 1994. 58 p.